

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO:

**POSSIBILIDADES DE PENSAR O COTIDIANO ESCOLAR E A
SUBJETIVIDADE DAS DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

GABRIELLY QUINTANILHA DA MOTA.

**São Gonçalo,
2009.**

GABRIELLY QUINTANILHA DA MOTA

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO:

**POSSIBILIDADES DE PENSAR O COTIDIANO ESCOLAR E A
SUBJETIVIDADE DAS DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a Orientação da Prof^o Dr^o Maria Lúcia de Abrantes Fortuna com requisito parcial para avaliação de final de Curso.

**São Gonçalo,
2009.**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D**

M917 Mota, Gabrielly Quintanilha da.
**Psicanálise e educação: possibilidades de pensar o cotidiano escolar e a
subjetividade das docentes das séries iniciais do ensino fundamental /
Gabrielly Quintanilha da Mota. – 2009.**
30 f.

Orientador: Maria Lúcia de Abrantes Fortuna.
**Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do
Rio
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.**

**1. Professores - Formação. 2. Cotidiano escolar. 3. Psicanálise e
educação. I. Fortuna, Maria Lúcia de Abrantes. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores,
Departamento de Educação.**

CDU 371.13

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

GABRIELLY QUINTANILHA DA MOTA

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO:

**POSSIBILIDADES DE PENSAR O COTIDIANO ESCOLAR E A
SUBJETIVIDADE DAS DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Banca Examinadora

São Gonçalo, 01de Fevereiro de 2010.

**Professora Orientadora:
Maria Lúcia de Abrantes Fortuna**

**Professora Parecerista:
Mariza de Paula Assis**

RESUMO

Descreve neste texto, as reflexões acerca da pesquisa que realizei no Projeto de Pesquisa/Extensão Cotidiano Escolar e Subjetividade Docente, a partir dos conceitos da psicanálise, pela posição de Freud. Por estar me graduando em Pedagogia, escolhi focar minha investigação empírica nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental buscando entender o jogo de subjetividades presentes nas relações escolares. Neste sentido, minha principal indagação estava em perceber: Como a história de vida escolar dos profissionais da educação pode interferir em suas práticas pedagógicas? E quais as possibilidades de pensar a Psicanálise no Cotidiano Escolar ?

Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, onde o campo de observação empírica é uma escola da rede municipal de São Gonçalo. Na forma de estudo de caso, realizei entrevistas semi-estruturadas, de caráter não-formal, com os sujeitos dos diferentes seguimentos da escola (professores, pessoal de apoio, alunos e pais), observação e participação em aulas, em reuniões e encontros de coordenação pedagógica, em reuniões de pais e nos conselhos de classe. A partir da observação deste cotidiano escolar, em especial pela escuta desses sujeitos, pude perceber os conflitos e angústias que surgem no exercício da profissão docente e em suas relações com os sujeitos dos referidos seguimentos. Este texto pretende analisar recortes empíricos deste cotidiano escolar, buscando entender como a psicanálise, criada como método de investigação na clínica, pode contribuir para sua compreensão, bem como para o processo de formação contínua do professor, já que este não se encerra na cerimônia de sua formatura, mas segue como um processo de construção permanente e inacabado, ao longo de seu percurso docente.

Palavras chave : cotidiano escolar – mal-estar docente – educação e psicanálise.

Agradecimentos

A meus professores e mestres, que contribuíram para um aprendizado carregado de significado que levarei também para a vida. Agradeço pelo incentivo a pesquisa, a reflexão e a busca pelo conhecimento que será sempre inacabado.

Agradeço a meus pais, que dedicaram suas vidas para que eu crescesse e realizasse grandes conquistas.

A toda minha família, que me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos. E a Deus, que se fez presente em todos os momentos da minha vida.

Sumário

Introdução7

Capítulo I

Minhas marcas influenciam minha prática?.....11

Capítulo II

Psicanálise e Educação é Possível?.....20

Concluindo o que não se conclui.....26

Referências Bibliográficas.....29

Introdução

Escolhi cursar Pedagogia na UERJ/FFP e ao longo do curso tive contato com a disciplina Psicologia da Educação, que me fez refletir sobre subjetividade. Vários teóricos me instigaram a refletir acerca desse tema, mas o que realmente “mexeu comigo” foi a Psicanálise, sobretudo em Freud, porque me fez considerar também o inconsciente na construção dessa mesma subjetividade.

No início tive algumas resistências ao tema, pois minhas colegas de classe desconheciam a Psicanálise, repetiam frases de quem “um dia ouviu falar (...)” e tentavam me influenciar a seguir outros caminhos de pesquisas. Mesmo “nadando contra a maré” iniciei minha pesquisa: eu queria conhecer Freud e o porquê de tanta polêmica para um assunto que, a meu ver, parecia ser tão simples. Com a pesquisa, o incentivo a tantas leituras, me fez observar que tais polêmicas surgiram de interpretações que alguns autores fizeram de forma equivocada e que tais distorções contribuíram para, ao longo dos anos, taxarem a Psicanálise, sobretudo como algo ultrapassado e que vinha, conseqüentemente, descaracterizando sua importância.

Tive a sorte de encontrar uma professora que leva esse estudo a sério e que nos mostrou a Psicanálise não como uma teoria aplicável e com resultados quantitativos, assim como em grande parte das ciências, mas sim como uma posição, uma postura que assumimos frente às questões do cotidiano, postura essa que tem como objetivo estar o tempo todo refletindo acerca de nossas atitudes, opiniões e escolhas frente ao mundo, levando em consideração também as marcas de nossa trajetória de vida e nosso inconsciente.

Essa mudança de olhar altera nossa percepção de mundo e modifica, na medida do possível, as nossas atitudes frente aos desafios que o ato de lecionar nos impõe. Por esse motivo no ano de 2006, entrei no grupo de Pesquisa e Iniciação Científica: “Repercussões das marcas escolares no sujeito docente: da sedução narcísica à possibilidade de escuta” como bolsista PIBIC-UERJ, com o objetivo de aprofundar minhas reflexões acerca do tema “Cotidiano escolar e subjetividade docente”, a partir dos conceitos da Psicanálise, pela posição de Freud.

Desde então a pesquisa científica tem sido de grande importância para minha formação, pois através dela pude compartilhar, junto com os demais bolsistas e professores da escola, sobre as questões no campo empírico, refletindo sobre os embates

que o ato de educar nos impõe. Se antes acreditávamos na escola ideal, agora tentamos lidar com as verdadeiras possibilidades de uma escola real.

A Pesquisa.

A história de vida escolar dos profissionais da educação interfere em suas práticas pedagógicas? Qual é o jogo de subjetividades presente nas relações escolares? A Psicanálise, criada como método de investigação na clínica, pode contribuir no trabalho de supervisão e acompanhamento na prática do professor? Essas questões moveram nosso Grupo de Pesquisa/Extensão a refletir sobre a escola, seu cotidiano e os sujeitos da educação, nos fazendo, com isso, refletir também sobre nossa escolha pela profissão docente e nossa prática pedagógica.

A pesquisa tem como objetivo:

- Investigar, com suporte nos conceitos da psicanálise, como influencia, na prática dos docentes, sua história de vida escolar, inserida em sua história de vida.
- Apontar alternativas de supervisão e acompanhamento da prática dos docentes, no cotidiano das relações escolares, que lhes possibilitem localizarem os efeitos dessas marcas em sua prática atual e as possibilidades de lidar com elas.
- Investigar os limites e as possibilidades da psicanálise como método de investigação e de intervenção na constituição da subjetividade dos docentes.

Optando por uma abordagem qualitativa¹, de cunho etnográfico, na forma de estudo de caso, tem como campo de observação empírica uma escola da rede pública de São Gonçalo. Por estar cursando Pedagogia, optei por observar o cotidiano das professoras das séries iniciais do ensino fundamental. Utilizei como estratégias de pesquisa

¹ EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez Editora, 2ªed, 1985.

empírica a realização de entrevistas semi-estruturadas, de caráter não-formal, com os sujeitos de diferentes segmentos da escola (professores, coordenadores, pessoal de apoio, alunos e pais) e a observação e a participação em aulas, em reuniões e encontros de coordenação pedagógica, nas reuniões de pais e nos conselhos de classe. O registro destas observações e das reflexões acerca do tema foi feito em Caderno de Campo, bem como notas e comentários obtidos pela freqüência nas reuniões semanais com o Grupo de Pesquisa/Extensão na FFP, para estudo dos referenciais teóricos que se articulavam com o material colhido na pesquisa empírica.

Ao iniciar a pesquisa entrei em contato direto com a escola, buscando construir uma relação informal com os seus profissionais e o seu cotidiano, com a preocupação de não constrangê-los ou coagi-los diante da minha presença. No início encontrei algumas resistências por parte de alguns professores, talvez por estar vindo da Universidade, que pode habitar, no imaginário de alguns, o lugar do suposto “saber”. Mas com o tempo, talvez pelo esforço de discrição com que me esforcei por fazer minha entrada naquele cotidiano escolar, acredito que contribuiu para que percebessem que não estava ali para julgá-los ou criticá-los, mas para tentar contribuir de alguma forma.

Tendo em vista que as articulações teórico-metodológicas da pesquisa tinham por base os conceitos da Psicanálise, a partir de Freud, outra preocupação que esteve sempre presente neste percurso foi de compreender e fazer compreender a possibilidade da Psicanálise na Educação, não como a que trará a “salvação” ou a “cura” para suas angústias ou soluções dos problemas “como numa receita de bolo”, mas como uma posição que irá contribuir para olhar o ser humano como um sujeito, considerando também seu inconsciente.

Vale ressaltar que pensar a instituição escolar pelos conceitos da Psicanálise não significa que queremos transformá-la numa clínica². No entanto, como a Psicanálise tem como regra fundamental na clínica, a associação livre, ou seja, a fala, talvez seja possível a constituição de um espaço onde haja a possibilidade dos professores se reconhecerem como sujeitos dessa escola, pelas trocas discursivas. E assim, por estar nessa condição de sujeito, poder junto com o outro, com o seu par, estarem dialogando sobre as questões que surgem nesse ambiente escolar, buscando juntos criar estratégias

² MEZAN, Renato. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

que dêem conta dos embates que vão surgindo nesse cotidiano, ao invés de ficar simplesmente lamentando ou se queixando deles. Talvez, através da escuta de si e do outro, possamos analisar as respostas que produzimos, e nos perguntarmos: o que nos cabe nisso mesmo que reclamamos? O que podemos fazer para contribuir de forma significativa nessas questões que nos apresentam?

Este trabalho terá em seu 1º capítulo a reflexão acerca das marcas que influenciaram e/ou influenciam na prática atual das professoras das séries iniciais enquanto sujeito docente. Citando como exemplo as experiências vividas na Escola, onde foi o campo empírico de observação. No 2º Capítulo farei uma reflexão sobre as alternativas possíveis para a Psicanálise e a Educação. A questão ética da Psicanálise e o que observamos e podemos considerar como avanços e retrocessos na escola em relação ao tema tratado. Concluirei este trabalho, contando sobre o que já podemos afirmar como certezas e o que estará sempre em permanente construção.

Capítulo I - Minhas marcas influenciam minha prática?

Quais as marcas que tendem a aparecer, quando a professora fala de sua história de vida escolar? Como repercutem na prática atual das professoras das séries iniciais as marcas de seu processo escolar vivido nas primeiras idades de sua vida? Como as professoras lidam com essas marcas?

Refletindo sobre isso promovemos oficinas com algumas professoras das séries iniciais, com o objetivo de trazer à memória lembranças da infância, da escola, do caminho até a escola, dos cadernos, da merenda, enfim, de tudo o que lhes viesse à cabeça sobre sua vida escolar. Para isso retiramos as cadeiras, sentamos todas em roda ligamos o som com uma música suave, convidamos as professoras a fechar os olhos sendo conduzidas a lembrar.

Depois desse momento cada participante falou sobre o que lembrou. Tendo em vista preservar sua identidade, vou nomeá-las com letras:

A professora “L” falou do uniforme bem cheiroso e que não podia amarrotar; a professora “R” lembrou-se do dever de casa de todos os dias e da mochila rosa; a professora “C” falou das provas e do quanto se esforçava para decorar tudo; a professora “G” lembrou-se das cores da sala de aula, que era colorida e dos trabalhos que ficavam pendurados na parede. E a professora “M” lembrou-se da estrelinha na testa que sua turma ganhava quando acertavam a matéria. A “F” lembrou do cheiro da merenda. E a “P” lembrou das broncas por demorar a copiar do quadro. A “S” lembrou de ficar depois da hora por ter conversado demais na sala.

O que são essas lembranças? Tais vivências marcaram essas histórias tão fortemente, sendo por isso que surgem nos relatos? Será que tais marcas aparecem também nas práticas docente atuais dessas professoras?! Com base nesses questionamentos realizei entrevistas informais com as professoras e assisti também algumas de suas aulas (de professoras) nas várias séries distintas. Observei também a entrada dos alunos, o recreio e a saída, assim como reunião de pais e professores. Quais marcas encontrariam nas salas de aula lecionadas por essas professoras e no cotidiano dessa escola?!

Assim como no relato da oficina, e também nas entrevistas informais, algumas professoras responderam que essas mesmas características de sua infância se repetem em suas turmas atuais. Afirmam que são tão boas, responsáveis, eficientes e disciplinadoras, entre outras qualidades, como foram suas professoras de infância. Já outras professoras responderam que fazem diferente do que viveram, porque não querem ser como aquele (a) professor (a) da sua infância, não querem repetir com seus alunos aquilo que viveram, pois discordam daquela forma de educar.

Percebemos com isso a referência a um professor, seja essa referência positiva ou negativa, de querer repetir aquela prática porque foi boa, ou de jamais querer repeti-la porque foi ruim. Seja boa ou ruim, a referência a um professor que existiu em sua história de vida escolar, aparece em todos os relatos, parecendo influenciar a prática atual do professor, à medida que essa referência é posta como modelo do que deve ou não ser seguido.

Segundo Fortuna, a escola entra como segundo referencial identificatório na constituição da subjetividade do sujeito, pois o primeiro é constituído pela família – são os laços parentais³ Nesta direção há que se assinalar também que a escola ganha importância na constituição da subjetividade dos alunos, o que poderá ser tocado quando articulado com a subjetividade docente, foco principal deste estudo.

A constante presença no cotidiano dessa escola me indagou cada vez mais acerca das marcas que as professoras trazem de sua história de vida e como essas marcas repercutem em sua prática docente. Cito as professoras porque especificamente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental dessa escola somente encontramos mulheres, sejam elas: as Professoras, a Coordenadora Educacional, a Orientadora Pedagógica, a Merendeira, a Auxiliar de Serviços Gerais, a Professora Adjunta que cuida dos horários das Disciplinas e a Supervisora Educacional. Podemos observar a marca histórica⁴ da presença feminina prevalecendo nas séries iniciais dessa escola e influenciando suas práticas, quando falam do seu dia-a-dia na escola.

³ FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. *Gestão Escolar e Subjetividade*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

⁴ LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.

Perguntei a uma professora do 4º ano porque escolheu essa profissão, e ela respondeu:

“Porque sou mãe de família e ser professora me dá mais possibilidades de passar mais tempo com meus filhos e minha família, dá mais tempo para arrumar a casa e fazer o almoço, não preciso pagar babá porque eu mesma os arrumo e levo meus filhos para a escola. Quando às vezes não dá tempo de ir buscá-los minha mãe pega eles na escola para mim. Chego em casa por volta das 18:00h e faço a janta, fico em paz com meu marido. Ganho pouco em termos de salário, mas o que ganho já ajuda em casa”.

E quando perguntei o que é ser professora, ela respondeu:

“É se dedicar por completo. É ter uma devoção pelo que faz, se você não gosta do que faz não deve assumir essa profissão. Tem muita gente se formando por causa do diploma, mas por não ter o dom para a docência acaba atrapalhando o aprendizado do aluno ao invés de ensiná-lo. Eu preparo meus alunos para o futuro, para o mercado de trabalho. Puxo bem a matéria e fixo nos exercícios porque se eles quiserem fazer prova para essas escolas de maior porte e com isso conseguir bons empregos futuramente, ou até mesmo passar num vestibular, vão ter que saber a matéria. Tenho feito isso desde que comecei aqui, e até agora tive bons resultados, todo ano 4 a 5 alunos conseguem passar para escolas de grande porte. Os que não conseguem é porque não se esforçaram direito.”

Então perguntei qual era a matéria que ela “puxava” bem, e ela respondeu:

“Português e Matemática. Essas são as matérias mais importantes de todas porque se você quiser estudar qualquer outra disciplina terá que saber ler, e se não souber contar ou realizar pelo menos as quatro operações matemáticas, estará sempre à margem da sociedade”.

Parece que voltamos no tempo, antes da Escola Nova, quando se falava de devoção à profissão docente, em ter “dom” para ser professora, onde os eruditos jesuítas ensinavam português e matemática porque era a base de tudo e que a condição de professora estava diretamente relacionada à condição de boas mães e donas de casa que se dedicaram ao Magistério porque essa era a sua única opção de relacionar

Casa/Trabalho⁵. Parece que voltamos no tempo, mas não voltamos, estamos nos século XXI, ouvindo estes mesmos dizeres. Parece que não percebem que estas marcas, que foram construídas historicamente e transmitidas de geração em geração, se repetem e se reproduzem, sem serem percebidas.

Essas professoras freqüentaram uma escola quando eram crianças, tiveram professoras boas, “que tinham dom para a docência”, como também as que “não eram boas”. O que trazemos a tona aqui não é apenas o fato dessas marcas serem transmitidas historicamente, mas as formas como elas se fixam na estrutura do sujeito, sobretudo as escolares, que é o objeto de nossa pesquisa, ou seja, como nos marcam e influenciam nossa prática. A professora não percebe num primeiro momento que possui essas marcas, porque talvez elas estejam no seu inconsciente e, muitas vezes, não se mostram de pronto, através de sua fala, porém, com mais freqüência, na sua prática. Digo que num primeiro momento ela não percebe essas marcas, porque ainda em nossa conversa ela afirma que não é uma professora tradicional:

“Estou sempre buscando trazer novidades para sala de aula, não me prendo a livros didáticos, e ao quadro negro. Eu mesma desenvolvo os exercícios para eles resolverem no caderno. Dou um tempo para que resolvam as questões e depois corrijo”.

Segundo Eliane Marta Teixeira Lopes⁶:

“Ao historiador da educação pede-se que olhe o presente, pensando esse presente como chave de entrada no passado. Pede-se ainda que, consciente de pregnâncias, penetre no passado como Freud ou Sherlock Holmes, em busca de traços pistas e sinais, rastros por onde talvez não tenha passado o sujeito do seu trabalho”.(Lopes, 1998.p.40)

Pensar essa relação com o tempo vivido, presente e passado, buscando perceber as marcas da história de vida de cada professora, não me deixa isenta de afetamentos,

⁵ NOVAES, Maria Eliana. *Professora Primária Mestra ou Tia*. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea)

⁶ LOPES, Eliane Marta Teixeira, organizadora. *A Psicanálise Escuta a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

pois, ao escutá-las, poderei criar identificações com suas falas, ao considerar que também estou marcada pelo lugar da Escola.

Portanto, como não me coloco em neutralidade com a pesquisa, observo também o que me marcou para a escolha dessa profissão. Sou afetada pelas questões desse cotidiano que vivencio ao observá-lo e me imagino atuando nele. O que eu faria se fosse eu a professora? Que marcas eu traria para minha sala de aula? Como lidaria com a minha turma? Repetiria os mesmos atos dos meus professores primários? Que encaminhamento daria aos problemas desse cotidiano? Minha presença na Escola me fez refletir sobre minha futura prática como professora, mas agora, considerando também, as marcas inconscientes na formação da minha subjetividade docente. Ao observar a escola e o lecionar, agora observo também a mim e, não somente, as professoras das séries iniciais daquela escola.

Investigar no passado “com Freud” é mais do que lembrar: é refletir, é se questionar. Portanto, para entender o cotidiano que se apresenta nessa escola, é preciso ter um olhar aguçado para perceber o que nem sempre está à mostra.

Como estou em processo de formação e entendo a subjetividade como um elemento de bastante relevância no processo de ensino/aprendizagem, a busca investigativa das marcas das professoras na escola, aparece como instrumento para buscar como minhas experiências influenciam, não só na escolha que fiz por essa profissão, mas na aluna que sou e provavelmente na professora que serei.

No início da pesquisa, encontrei algumas resistências por parte das professoras. Como a pesquisa se dá na forma de estudo de caso, era necessário estar presente na escola e ouvir o que as professoras tinham a dizer, porém, nesse primeiro momento observei a dificuldade que tinham em falar, em contar um pouco de suas experiências. Naquele momento as Escolas Municipais estavam sendo vigiadas pela Secretaria Municipal de Educação, que impôs novas regras para lecionar nas séries iniciais, tendo como punição o afastamento do cargo para as professoras que não seguissem as novas regras. As professoras alfabetizadoras, por exemplo, estavam sendo obrigadas a deixar para traz todo seu conhecimento e prática adquirida ao longo de sua trajetória, para adotar um método de alfabetização chamado de “Alfa e Beto”. Tal método remete a

forma clássica/tradicional⁷ de ensinar através de codificação/decodificação das palavras e frases que eram estimuladas a serem decoradas como num coro musical.

Com esse clima de total desconfiança acerca de tudo que vinha de fora da Escola, encontrei muita dificuldade em estabelecer vínculos. Era preciso que as professoras se acostumassem comigo, era preciso que confiassem no meu trabalho, que acreditassem que eu não estava ali para colher informações e transmitir-las para Secretaria Municipal de Educação. E, principalmente, que falassem o que lhes viesse à cabeça, sobre seu cotidiano, sobre sua história, sobre suas angústias, reivindicações, sobre suas conquistas e sobre suas revoltas. Eu precisava ouvi-las.

Essas resistências ora era vivenciada de forma direta, quando algumas professoras simplesmente se recusam em falar comigo ou me impossibilitava de assistir algumas de suas aulas. Ora de forma indireta, quando, num primeiro momento, há certa disponibilidade para um contato mais direto através de conversas informais, mas que não são levadas a diante. Neste último caso, a docente muitas vezes direcionava a conversa para outra professora.

Havia, contudo uma grande preocupação de não constrangê-las ou coagi-las diante de minha presença, apesar de deixar claro que eu não estava ali para julgá-las ou criticá-las. Por vezes, até permitiam a minha entrada na sala dos professores, em reunião de pais e reuniões pedagógicas, mas não aceitavam participar das entrevistas, nem deixavam assistir suas aulas. Bastava um papel e uma caneta nas mãos para que elas mudassem completamente suas posturas para a mais formal possível. Ora, para que a pesquisa fosse realizada era necessário um diálogo. Sem ele não seria possível perceber, através de sua fala, condição sobre a qual a psicanálise se apóia, ou seja, pela escuta, quais as marcas que esses professores e/ou essas professoras traziam de seu processo escolar.

Era preciso buscar um caminho para flexibilizar a resistência, para que a pesquisa pudesse ocorrer. Então comecei a pensar numa possibilidade de lidar com isso. E uma das estratégias foi não levar qualquer material: lápis, caderno, gravador. Procurei estar o mais informal possível para que se sentissem mais à vontade. Com o tempo, as professoras foram se dando conta sobre a importância da pesquisa na escola, e que esta nada tinha haver com a Secretaria Municipal de Educação. Aos poucos foram

⁷ LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.

diminuindo as resistências, e permitindo que eu entrasse com mais frequência nesse cotidiano.

Com o passar do tempo, elas passaram a conversar comigo, perguntavam sobre a pesquisa, sobre o curso de Pedagogia da UERJ, algumas me chamaram de Louca por ter escolhido essa profissão, outras comemoravam por ver mais uma pessoa interessada em trabalhar nas escolas, enfim, aos poucos foram permitindo que eu participasse dos assuntos que realmente queriam tratar nas reuniões pedagógicas, sem receio que eu escutasse suas reais opiniões sobre a Escola, a Gestão Escolar, os Alunos, os Pais dos Alunos, os Funcionários da Escola, e, sobretudo, a Secretaria Municipal de Educação.

Ao conversar com as professoras das séries iniciais pude perceber que a maioria não possuía nível superior, sendo formadas apenas no Curso Normal no Ensino Médio. Algumas professoras iniciaram graduação naquele ano em Licenciaturas de História, Geografia, Letras e Pedagogia. E duas professoras iniciaram graduação nas áreas de Direito e Contabilidade. Naquele espaço escolar, apesar de ser ainda graduanda de Pedagogia, eu estava ali representando a Universidade para aquelas professoras e, dentro de um suposto quadro hierárquico do conhecimento, a Universidade é vista como o “lugar ideal”, o lugar da onde viriam as soluções de todos os problemas.

Isso nos faz pensar acerca da visão dos professores no que diz respeito à posição e a função da Universidade em relação à escola. Será que esta visão refletiria a maneira como nossa sociedade olha para a Universidade, sendo essa o lugar do conhecimento? A questão se torna pertinente uma vez que a porcentagem dos nossos jovens dentro da universidade é ínfima. Desta forma o “fazer faculdade” é privilégio de poucos e isso acaba refletindo no imaginário social de duas formas: a primeira, como um lugar de ascensão social, um lugar que vai possibilitar uma formação (especialização) do sujeito, o que lhe proporcionará o status social de “formado” e de mão de obra especializada; a outra forma, como a universidade se situa no senso comum da sociedade capitalista, ou seja, como sendo o sonho, o objetivo aonde apenas uma minoria pode chegar e que irá (supostamente) possibilitar uma vida financeiramente agradável⁸.

⁸ ALVES, Elaine Cristina; BAPTISTA, Rodolfo Coelho; MOTA, Gabrielly Quintanila. Texto: “*Marcas escolares no sujeito docente: o que influencia e o que resiste na prática do/a professor/a?*” Inscrito e Apresentado no III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. UERJ/FFP.

Retomando nossas abordagens com as referidas professoras, com o passar do tempo, não se intimidavam mais, começaram a perguntar quais teorias estávamos estudando na graduação, se a Pedagogia da UERJ é boa, se é em tempo integral ou não, se tem curso noturno. Queriam também voltar a estudar, mas não sabiam como. A maioria tem filhos, marido e casa para cuidar, além de ter que trabalhar para ajudar no orçamento familiar. Uma das professoras começou este ano a fazer Pedagogia aos sábados numa faculdade particular. Ela disse que essa era a única maneira de voltar a estudar. Ela já leciona a 15 anos nas classes de alfabetização, trabalha de manhã e de tarde, à noite pega seu filho na creche e vai para casa. Então tem que arrumar a casa, fazer o jantar, auxiliar seu filho nas tarefas da escola, etc. Sábado ela deixa seu filho com a mãe e vai para faculdade.

Ao tomar conhecimento sobre a pesquisa, as professoras trouxeram várias questões acerca da Psicanálise e a Educação, que nos direcionou a refletir sobre os limites e as possibilidades da Psicanálise na Educação, tema que aprofundarei no segundo capítulo deste trabalho.

Algumas professoras mantinham a ilusão de que a pesquisa poderia trazer “a solução” para os problemas da sala de aula, ou uma espécie de “fórmula” e/ou “uma receita de bolo” que poderia descrever o passo-a-passo para o ensino/aprendizagem. Em alguns momentos eu tinha a sensação que tamanha espera por respostas concretas para os problemas da escola, surgia por saberem que eu estava vindo da faculdade, do suposto “lugar do saber”, pois, ao mesmo tempo em que esperavam uma resposta, pareciam também temer qualquer coisa suscetível de crítica e logo justificavam sua prática.

E sempre que eram informadas que a pesquisa se sustentava pelos conceitos da Psicanálise, parecia que diante desta perspectiva eram criadas resistências, e/ou por outro lado, instalavam-se expectativas de solução, como que cobrando uma ajuda meio que ao estilo “assistencialista”. Parece que, para muitos destes profissionais a função da pesquisa, assim como a da Psicanálise, seria a de psicologizar o ambiente escolar. Se, como método de investigação na clínica, a psicanálise não se propõe à cura, mas a uma direção àquilo que vem do campo da neurose, enquanto constitutiva do sujeito (Cunha, 2002, p.16), muito menos ainda, ela poderia propor a “salvação” ou a “cura” da escola.

Isso reforçou a importância de dialogar com a escola, para que percebessem a real função da Psicanálise, que não é a mesma da Psicologia⁹.

“O termo cura, muito taxativo, originário da medicina, de fato não se aplica adequadamente a esse paradigma. Considera-se hoje que a Psicanálise possui um arsenal clínico que possibilita à pessoa um caminho para o auto conhecimento, o que nem sempre pode ser identificado com o término de sintomas neuróticos.”(Cunha, 2003 – pág: 22)

A Psicanálise, não se propõe a ser uma teoria aplicável da mesma forma em todas as instâncias como numa fórmula matemática, onde o resultado pudesse e/ou devesse ser sempre o mesmo. Para Cunha, a Psicanálise “estaria mais à vontade” se fosse vista segundo os referenciais de uma filosofia da educação. Já a Psicologia, que por muitos educadores tem sido vista como uma tecnologia, ou uma caixa de ferramentas portadoras de soluções para os problemas cotidianos, talvez estivesse mais bem posicionada, se vista como um conjunto de idéias, sugestões, algumas acertadas, outras nem tanto, cuja serventia é auxiliar-nos a pensar sobre o que desejamos para o ser humano.”¹⁰

⁹ CUNHA, Marcus Vinícios da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A editora: 2003, 3ªed.

¹⁰ CUNHA, Marcus Vinícios da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A editora: 2003, 3ªed.

Capítulo II - Psicanálise e Educação é Possível?

Ao tratar a psicanálise como “uma posição”, um olhar, pode-se perceber os conflitos e as angústias que o ato de lecionar enfrenta no seu cotidiano. É buscando lidar com as pedras que surgem no meio do caminho e não simplesmente criticando o fato das pedras existirem, mas buscando soluções de como removê-las ou não, criando estratégias para lidar com elas. Como a Psicanálise, criada como método de investigação na clínica, pode contribuir como método de supervisão e acompanhamento na prática do professor? A partir desse questionamento venho destacar algumas reflexões acerca do ato de lecionar.

Existem conflitos que surgem no cotidiano escolar, no qual o professor age de uma forma ou de outra, não porque ele é bom ou mal, mas por muitas das vezes não saber como agir mediante as dificuldades. É nesse cenário, de muitas pedras no caminho, que essa escola Municipal tem se encontrado. Segundo as professoras:

“Estamos sozinhas nessa jornada, o governo não se mobiliza, a direção não dá um suporte necessário, e os pais querem mais é largar seus filhos na escola para ter uma coisa a menos a se preocupar”.

(professora 2ª série)

Com isso, a lista dos que serão reprovados vai aumentando cada vez mais. Um fato interessante é que nessa escola começou a haver um movimento em torno do diálogo entre os professores. Eles continuavam com suas reclamações, mas agora reclamavam juntos. Nas séries iniciais, por exemplo, foi estabelecido um dia para reuniões pedagógicas, onde os professores deveriam discutir temas pertinentes e fazer o planejamento de suas aulas. Do ponto de vista de nossa pesquisa, esse espaço chegou à ótima hora, pois era justamente a proposta que, sustentados pela Psicanálise, pretendíamos constituir: ter a oportunidade de interagir com o outro, pelas trocas discursivas e, a partir delas e das conclusões tiradas em grupo, poder criar estratégias de lidar com os embates que se apresentaram. As trocas discursivas são de extrema

importância, pois fazem com que analisemos as respostas que produzimos, do ponto de vista da subjetividade, além de darmos chances para a escuta de nós e dos outros¹¹.

O interessante desse espaço que se criou dentro da escola é que antes elas somente reclamavam, lamentavam juntas, agora, elas também buscavam soluções conjuntas:

“Quando temos alguma dificuldade com a turma, buscamos um colega para conversar, trocar informações e materiais, às vezes aquele professor já passou por algo semelhante e pode dar uma sugestão que contribua naquele momento”.

(professora da 1º série)

Quando o final do ano se aproximava, foi notável a preocupação das professoras quanto a quem vai ser aprovado ou reprovado. Elas ficaram muito afetadas com isso. É como se elas também fracassassem com esse aluno, pois junto com ele, passaram um ano inteiro buscando resultados positivos. Não estou aqui defendendo que todos os professores são bons e querem contribuir significativamente na formação de seu aluno, mas, qual é o professor que, alguma vez na vida, não quis ser o professor ideal? Aquele que explica e que todos os alunos aprendem; aquele que chega e a turma se comporta, disciplinadamente, por respeito à sua autoridade; aquele que os alunos amam e proclama seu nome como o melhor professor que já tiveram. Essas professoras não são diferentes, estão em busca desse ideal de bom professor. É por isso que, uma vez não conseguindo atingir seus objetivos, se angustiam.

“Eu detesto essa coisa de quem passa de ano e quem não passa. Por mim passariam todos, mas infelizmente nem todos estão aptos para a próxima série. E é melhor repetir a 4ª série e aprender a matéria direito, do que passar para a série seguinte sem saber os conteúdos necessários”.

(Professora da 4ª série)

Então, o que fazer com essa angústia? Ora, se esta é proveniente de uma falta, a falta de sucesso do aluno, o que fazer então para reverter esse quadro? A Psicanálise vai propor a esse professor que ser auto - questione em relação ao que ele tem haver com aquilo que ele mesmo reclama. O que ele, como professor, pode fazer por seus alunos?

¹¹ FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. *Gestão Escolar e Subjetividade*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

No campo do que é possível ser feito e não simplesmente do ideal a ser feito, pois o ideal nem sempre é possível.

É importante ressaltar que a falta é constitutiva do sujeito. Mesmo se o professor conseguir superar aquele obstáculo, com certeza aparecerão outros mais a frente. Segundo Freud, os seres humanos são constituídos pela falta (de alguém ou de alguma coisa), por um vazio que ele busca supostamente completar. Essa falta é o que nos move. Por exemplo, uma pessoa desempregada que busca por um emprego; é a falta de emprego que a coloca no movimento de busca por um emprego. Porém, esse vazio não se limita somente a não ter um emprego, ou uma casa, ou o que quer que seja. Este vazio é subjetivo, nós estamos sempre querendo alguma coisa a mais, pois se trata de uma energia pulsional e ambivalente: nunca estamos satisfeitos, pois a obtenção de uma satisfação gera a busca de outra. Quando não conseguimos completar tal vazio, isso acaba gerando uma angústia, um mal-estar. Essa necessidade que o homem tem de buscar a satisfação plena, faz dele não simplesmente um indivíduo, mas sujeito, por estar sempre sob a condição de sujeito a alguém ou a alguma coisa que vai supostamente o completar¹².

Esse desejo se aferra à Coisa que supostamente nos faria plenos, sem faltas. Coisa que se traduz por um objeto que nunca existiu, que foi perdido na inscrição mesma de nossa humanidade, mas que funciona para nós como a preciosidade escondida que perseguimos, dado que na fantasia ele nos retiraria da condição de carentes ou de devedores em relação ao Outro salvador. (...) É como se a esperança fosse de que, ao obter esse objeto, eu pagasse a dívida que tenho para o Outro e me libertasse de suas exigências. A idéia inconsciente sobre a qual fundamentamos nosso Eu, ou seja, a fantasia com a qual vestimos o sujeito que nós somos, busca nos articular com esse objeto enigmático, impossível, que caso pudesse ser apreendido, nos deixaria quites com o Outro em nossa existência (...) seríamos então sujeitos sem faltas. (Maurano, 2003, p.50,51)

E é esse movimento que torna o ato de lecionar um desafio, pois a cada nova turma, surgem novas possibilidades de lidar com os desafios que se apresentam. O

¹² MAURANO, Denise. *Para Que Serve a Psicanálise? Passo a Passo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2ªed.2003.

professor, ao entrar em contato com a turma, ou até antes disso muitas das vezes, cria metas, traça objetivos sob o que ele quer alcançar naquela turma. Porém, nem tudo o que o professor escreve no diário é o que ele realmente fez. Ele escreve o que pretende fazer, o seu planejamento. E, devido à dinamicidade da aula, o que foi planejado pode ser modificado ao longo do trajeto. É esse movimento que torna o ato de lecionar como um processo de construção permanente e inacabado, ao longo do percurso docente¹³.

Percebemos então alguns limites e possibilidades da Psicanálise na instituição escolar, ou seja, fora da clínica. Temos como limite a questão da análise clínica, nossa pesquisa não tem o objetivo de transformar a escola num consultório, mas, a partir da escuta desses professores, já que a Psicanálise se fundamenta na fala, contribuir para que haja trocas discursivas entre eles, onde juntos possam buscar estratégias para os embates que vão surgindo no cotidiano escolar. Ao contrário do que muita das vezes se espera a psicanálise não veio trazer a “cura” ou a “salvação” dos problemas, pois a falta não tem cura. Ela estará sempre presente, ora de uma forma, ora de outra. Mas veio sim fazer um convite: junto com o Outro, com os pares, buscar meios de lidar com as angústias e desafios dessa profissão.

É neste sentido que estamos tentando realizar algumas oficinas com os professores, para possibilitar que as trocas discursivas ocorram entre eles. E, nesse último período, esse espaço de trocas começou a ocorrer porque os próprios professores começaram a cobrar da direção que tal espaço fosse instituído, para que eles pudessem falar de suas demandas, o que foi muito importante. Os professores falaram de seus cotidianos, de suas histórias de vida, das questões que lhes são apresentados no dia - a - dia e puderam refletir sobre o seu próprio papel dentro da escola. Houve uma busca ao Plano Político Pedagógico da escola, que há anos estava esquecido e muitos se questionavam: - “Que escola é essa? Quem são os meus alunos? O que eu professor estou fazendo para contribuir no aprendizado desse aluno? Qual é o papel do professor nessa relação de ensino - aprendizado? Será que é só simplesmente transmitir conhecimento? Ou os professores também têm uma importância na formação moral e cidadã desse aluno? O que a direção pode fazer para me ajudar ou orientar? Como

¹³ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dez teses sobre as dificuldades para se fazer teoria em educação no Brasil*. Belo horizonte: UFMG, Mimeo 2003.

podemos nos organizar para criar movimentos que defendam nossas opiniões frente à Secretaria de Educação?”.

Enfim, no meu entender, o posicionamento destes profissionais frente à sua prática e à escola, com maior implicação, mais uma vez revela a importância e a necessidade desse espaço de trocas discursivas, onde os professores e coordenadores tenham o direito de falar sobre suas demandas.

A Psicanálise ganha possibilidades de estar presente na escola quando a escola permite um espaço para as “trocas discursivas” entre os docentes, quando nesse espaço, as questões do cotidiano são colocadas pelos professores, para que dialoguem entre si sobre sua prática, refletindo também sobre sua própria fala. É um ouvir o outro e um ouvir a si mesmo, para se questionar acerca daquilo que traz como marca de sua escolarização, inserida em sua história de vida, que influencia na sua prática docente atual. Isto porque tais marcas acabam por se repetir, ainda que inconscientemente, no seu presente, podendo também marcar seus alunos.

Para Cunha, o relacionamento entre professor e aluno não é simplesmente uma transmissão de certos conteúdos escolares, não se resume em apenas escolher um bom método de ensino, um planejamento adequado do seqüenciamento das matérias e certo conhecimento das competências intelectuais dos aprendizes, pois:

“Os ensinamentos psicanalíticos dirigem nossa atenção para o vasto e complexo mundo subjetivo oculto no interior do professor e aluno, cada qual sofrendo constantemente a pressão de seus respectivos desejos, muitos dos quais atingidos pela repressão. O professor psicanaliticamente orientado deve observar as atitudes de seus alunos, como também as suas, procurando desvelar os desejos escondidos por trás delas.”(Cunha, 2003 – pág:17)

O docente que considera sua subjetividade e a de seus alunos, nas relações pedagógicas, não se restringe em apenas ministrar uma boa aula – no sentido técnico da expressão. Seu olhar volta-se constantemente para os motivos desconhecidos que o levam a estar ali, as possíveis razões que o motivam a relacionar-se com seus alunos desta ou daquela maneira. Ele tende a valorizar menos a manutenção do bom

comportamento de seus alunos, dando ênfase na livre expressão, pois sabe que o conhecimento está sempre permeado pelo desejo¹⁴.

Para Cunha, os fenômenos relacionados ao ensino e à aprendizagem possuem componentes inscritos no campo intelectual, mas possuem também uma carga emocional, em grande parte inconsciente. E este último, está diretamente relacionado tanto com o universo psíquico do professor, detentor e transmissor dos saberes formalizados, quanto com o universo psíquico do aluno, para quem esses saberes são destinados.

Tal percepção nos remete a uma das questões da pesquisa: como a psicanálise, criada como método de investigação na clínica, poderia contribuir para a formação, supervisão e acompanhamento das práticas dos profissionais da educação? Para que ou para quem serve a psicanálise?

Para que serve a Psicanálise ? Ao mostrar que fenômenos da sala de aula são muito mais humanos do que técnicos, o paradigma psicanalítico abre um caminho diferente e frutífero para os professores, o caminho da vivência humanizadora, da compreensão do outro, da busca de boas relações do indivíduo consigo mesmo e com os que o cercam. Menos ênfase no método, mais preocupação com a pessoa. (CUNHA, 2003 – pág:18)

¹⁴ CUNHA, Marcus Vinícios da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A editora: 2003, 3ªed.

Concluindo o que não se conclui

O percurso feito até agora nos indica, cada vez mais, da necessidade de buscarmos a construção de um debate ético, que articule a Psicanálise com a Educação; de pensarmos a escola não como um lugar de “ideal acabado”, mas um espaço de chances e possibilidades para as trocas discursivas; de pensarmos também a Universidade, não como um lugar de endeusamento do saber, mas um espaço aberto que articule teorias e realidades; enfim, que os espaços educativos são constituídos, tendo em vista as particularidades de cada sujeito, nos emaranhados jogos da subjetividade.

Finalizo este trabalho com o título, “Concluindo o que não se conclui”, porque tal presença no cotidiano da escola não nos leva a um ponto final, pelo contrário, em todas as instâncias novas questões surgem, novos embates demandam a atenção dos docentes, iniciando novamente momentos de idealização, conquistas, retrocessos, angústias, (...) transformando o cotidiano escolar num lugar de permanente construção.

Vimos que pensar a articulação entre a Psicanálise e a Escola é possível, desde que se mantenha o cuidado de não transmitir para a escola as características de uma clínica. Desde que se tenha a preocupação em olhar a Psicanálise como uma posição, um olhar frente ao mundo e ao real. Uma posição voltada para escutar o Outro e a si mesmo, se questionando acerca daquilo mesmo que se reclama: “O que eu tenho haver com isso mesmo que reclamo”. “O que posso fazer para mudar ou não, algo?”. Parece que para tanto, o professor precisa se perguntar qual é a fonte de seu mal-estar, em vez de ficar somente reclamando e transferindo a responsabilidade pelos fracassos e frustrações para o outro. Ao apenas lamentar, o professor se coloca no lugar de vítima. Esta posição “vitimada” é confortante e paralisante, pois não implica em superar o problema, em ter que, de fato, enfrentar a realidade.

Podemos considerar alguns resultados da pesquisa ao analisarmos o quanto o espaço das “trocas discursivas” entre as professoras, funcionou. Quando entre elas mesmas, torna-se possível identificarem as demandas que tanto as incomodam, para, a partir deste exercício, analisarem as possibilidades e os limites que sua prática lhes permite, podendo desta maneira, decifrar uma direção para seus problemas, suas angústias e lamentações, em maior consonância com a realidade.

Diante desta complexidade que encontramos na escola, tanto no papel de professores-pesquisadores, mas também como futuros professores, muitas vezes nos

sentimos seduzidos em criarmos pré-conceitos e/ou emitirmos juízos de valor perante as conversas com alguns professores, sustentando muitas vezes a ilusão de um saber revelador de soluções para os problemas. Por outro lado, acreditamos não ser essa a nossa função, e, por isso, apostamos na possibilidade de escuta, com vistas a ampliar nossa capacidade de compreensão respeitosa pelas falas destes profissionais.

A realização de encontros e/ou oficinas, de caráter voluntário, com os profissionais da escola, aberto a outros docentes interessados, também funcionou como possibilidades de se pensar a Psicanálise e a Educação, pois através delas as professoras se sentiram a vontade para falar de sua história de vida escolar, inserida em sua história de vida, refletindo sobre a constituição de suas subjetividades nos emaranhados das relações escolares. As oficinas também possuem o objetivo de oportunizar entre elas, trocas discursivas que possibilitem a escuta de si e do outro, no que se refere às relações escolares.

Também já podemos afirmar a importância de considerar o inconsciente na constituição do sujeito docente e como repercute suas marcas escolares em sua prática docente atual. Como exemplo, pode-se dizer que na maioria dos relatos das professoras aparece a referência a um professor de sua infância, ou em alguns casos, a influência de pais professores que as incentivaram na escolha dessa mesma profissão. Em tais relatos aparece sempre a figura de um ótimo professor ou a de um péssimo professor, que lhe marcou em seu tempo de escola, no qual a docente, ao fazer tal referência, evidencia, os pontos positivos querendo repetir em sua prática docente, ou critica os pontos negativos, no qual não quer repetir em sua prática atual.

Enfim, pesquisar na escola, nesta direção, me fez pensar que nossa formação não se conclui ao terminar o curso e pegar o diploma, mas continua e não tem fim, porque a cada nova vivência, a cada nova experiência, um novo desafio se apresentará, demandando, quase sempre, uma nova compreensão da realidade, que reclama por outra formulação pedagógica.

A presença na escola me fez observar não somente o jogo de subjetividades que ocorre entre as professoras, mas também a minha própria subjetividade, pois tais embates não estarão cristalizados no passado. Quando for para a prática, para o meu exercício docente, também irei lidar com questões desse tipo.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Elaine Cristina; BAPTISTA, Rodolfo Coelho; MOTA, Gabrielly Quintanila. Texto: “*Marcas escolares no sujeito docente: o que influencia e o que resiste na prática do/a professor/a?*” Inscrito e Apresentado no III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. UERJ/FFP.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves et al. *O exercício da escrita e a formação do professor-pesquisador*. Cadernos de Educação: reflexão e debates, nº 11, abril/2006. São Paulo: UMESP.

BOURDIEU, Pierre. *O que o falar quer dizer*. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Lero, 1983

CHARLOT, Bernard. *A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área*. In: Revista Brasileira de Educação, v.11, n. 13, jan/abr. 2006.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez Editora. 2ª ed, 1985.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dez teses sobre as dificuldades para se fazer teoria em educação no Brasil*. Belo horizonte: UFMG, Mimeo, 2003.

FERNANDES, Alícia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre/ RS: Artes Médicas Sul, 1994.

FORTUNA, Maria Lúcia de Abrantes. *Gestão escolar e subjetividade*. São Paulo. Xamã; Niterói/RJ: Intertexto, 2000.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão (1927)*. In: Obras Completas, v. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984

LOPES, Eliane Marta Teixeira. (organizadora). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.

MEZAN, Renato. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORGADO, Maria Aparecida. *Da sedução na relação pedagógica. Professor-aluno no embate com afetos inconscientes*. São Paulo. CQ Gráfica e editora, 1995.

MAURANO, Denise. *Para que serve a psicanálise? Passo a passo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2ºed.2003.

MORGADO, Maria Aparecida. *Da sedução na relação pedagógica. Professor-aluno no embate com afetos inconscientes*. São Paulo. CQ Gráfica e editora, 1995.

NOVAES, Maria Eliana. *Professora Primária Mestre ou Tia*. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea)

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.